**INTERCULTURALIDADE ENTRE CRIANÇAS VENEZUELANAS E BRASILEIRAS EM UMA ESCOLA MUNICIPAL BOA VISTA-RORAIMA**

Valdiza dos Santos Carvalho[[1]](#footnote-1)

João Paulino da Silva Neto[[2]](#footnote-2)

**E-mail:** valdizacarvalho25@gmail.com

**GT II:** Educação, Interculturalidade, Desenvolvimento Humano na Amazônia

**Financiamento:** Capes

**Resumo**: Nos últimos anos, o Estado de Roraima vem sendo marcado pela intensa migração dos venezuelanos. Com essa dinâmica migratória, muitas crianças venezuelanas estão matriculadas nas escolas públicas municipais. Diante do desafio para a convivência entre crianças venezuelanas e brasileiras, coube o objetivo de analisar como se desenvolve a interculturalidade em uma Escola Municipal de Boa Vista. A pesquisa é de abordagem qualitativa com um desenho fenomenológico narrativo. A partir da pesquisa de campo, com os instrumentos da observação participante e entrevistas semiestruturadas, chegou-se as seguintes categorias analíticas: *“todos são brasileiros”*; *o idioma abre porta para inclusão*; *a sensibilidade do diálogo intercultural* e *sugestões de políticas públicas*. Os resultados apontaram para uma mentalidade hegemônica da comunidade escolar, os quais ressaltam que as crianças venezuelanas matriculadas “são brasileiras”, impedindo assim as práticas de interculturalidade. O idioma foi destacado como porta de entrada para inclusão dos estudantes migrantes, embora se perceba que, muitas vezes, a língua surge como uma barreira que dificulta a mesma. Há tentativas de interculturalidade entre as crianças venezuelanas e brasileiras e de alguns professores, todavia, detectou-se claras necessidades de políticas públicas que contemplem a interculturalidade crítica no cotidiano escolar.

**Palavras-chave**: Interculturalidade. Educação. Decolonialidade. Crianças migrantes.

**INTRODUÇÃO**

O Estado de Roraima está localizado na região norte do Brasil e faz fronteira com Guiana Inglesa e Venezuela. Nos últimos anos, tornou-se referencial como porta de entrada dos migrantes venezuelanos no Brasil. Com a crescente presença de famílias venezuelanas, o número de crianças matriculadas nas Escolas Municipais de Boa Vista tem aumentado significativamente. Conforme dados do Observatório da Prefeitura Municipal de Boa Vista, em 2015, haviam 53 crianças venezuelanas matriculadas e, em 2022, passou para 7.300. Diante desta realidade, fez-se necessário perguntar: como desenvolver a interculturalidade entre as crianças venezuelanas e brasileiras em uma Escola Municipal de Boa Vista-Roraima?

A presente pesquisa tem por objetivo analisar como se desenvolve a interculturalidade entre crianças venezuelanas e brasileiras no espaço escolar. Complementada pelos objetivos específicos: identificar as práticas de interculturalidade entre crianças venezuelanas e brasileiras; diagnosticar as práticas pedagógicas inclusivas aplicadas pelos professores no cotidiano escolar, e conhecer práticas cotidianas socioculturais e linguísticas entre crianças, professores e familiares.

A fundamentação teórica foi embasada na educação crítica e decolonial, a qual ressalta que a interculturalidade é algo por construir e que vai muito além do respeito, da tolerância e do reconhecimento da diversidade (WALSH, 2012). No caminho da decolonialidade, não basta pensar as mudanças apenas nas estratégias e práticas pedagógicas cotidianas. É necessário olhar criticamente o sistema dominante e reinventar formas de ações políticas que transformem o sistema educacional.

Neste caminho, as pedagogias de resistências atravessam os gritos das comunidades, como afirma Catherine Walsh (2017, p. 30):

*exigen un pensar-sentir-hacer-actuar, que claman por prácticas no solo de resistir sino también de in-surgir, prácticas como pedagogías-metodologías de creación, invención, configuración y co-construcción —del qué hacer y cómo hacer— de luchas, caminares y siembras dentro de las fisuras o grietas del sistema capitalista- moderno/colonial-antropocéntrico-racista-patriarcal.*

Trata-se de uma prática pedagógica decolonial que se constrói no caminho, na união de saberes nos modos-outros, nas práticas políticas e nos processos metodológicos e organizativos contra o projeto colonial imperante.

Ao debater o processo colonizador das instituições, da “violência epistêmica”, dos imaginários socais e da formação de professores com ênfase na descolonização, há que se desafiar a uma mudança da própria mentalidade:

poderíamos visualizar processos descoloniais dentro do universo da pluralidade cultural e linguística presentes na totalidade; totalidade esta vista desde alteridade da exterioridade do/a Outro/a da/o excluído/a, oprimido/a o outra/opressor que Freire propõe libertação de ambos. O que se recomenda é a descolonização de ambos os sujeitos dos processos colonial; e para tal demanda-se uma mediação para cumprir as condições anteriores de respeito, da escuta, e agora de um diálogo intercultural e intercientífico (DA SILVA NETO, 2020, p. 137-138).

Nesse sentido, os processos pedagógicos de descolonização envolvem o Outro/a não apenas como “o diferente” na forma de pensar, mas como o diferente que contribui com seus saberes, ou seja, olhar para o Outro/a diferente como sujeito novo, que passa a se sentir pertencente da nova realidade. No primeiro momento, pode haver, e é normal que haja, um estranhamento entre as crianças venezuelanas e brasileiras no espaço escolar, mas, com o passar do tempo, elas mesmas podem ir criando possibilidades de interculturalidade.

Em contexto de fronteiras, é necessário pautar uma Educação Inclusiva capaz de fazer crescer todos os que fazem parte do processo, com projetos comuns de aprendizagem, mesmo que diversos, para integração das culturas. O que já foi muito comentado por Candau (2008, p. 17) em outros tempos:

[...] o debate multicultural feito no Brasil vem seguindo uma problemática multicultural que nos coloca diante dos sujeitos históricos que foram massacrados, que souberam resistir e continuaram afirmando suas identidades, e ainda hoje lutando por seus direitos de cidadania plena na nossa sociedade, enfrentando relações de poder assimétricos de subordinação e exclusão.

Percebe-se que a Educação intercultural é pouco discutida nas escolas, ocasionando, assim, uma dificuldade de se ir além do multiculturalismo, para se construir uma interculturalidade pautada na troca de saberes e na complementariedade entre as culturas.

A Pedagogia de Paulo Freire (1992) mostra um novo caminho para resgatar o protagonismo e a dignidade autoral de cada ser humano. Mostra o papel da amorosidade visceral envolvendo todos no processo de ensinar e aprender. Uma humanização que busca a construção dialógica e dialética, esperançosa, contribuindo para as transformações das realidades sociais, considerando a linguagem e a coletividade.

Em contexto de extrema vulnerabilidade das crianças venezuelanas, o verdadeiro compromisso da Educação é a solidariedade. Exige-se dos profissionais da Educação uma séria reflexão sobre a realidade e inserção de forma crítica (FREIRE, 2011), ações pedagógicas de integração na comunidade escolar e na sociedade de acolhida. Com efeito, o processo de interculturalidade faz sobressair aspectos, muitas vezes, esquecidos no ambiente escolar, devido a multitarefas, como o diálogo, a convivência e a busca pela integração que enriquece mutuamente a totalidade educacional (CANDAU, 2014).

**METODOLOGIA**

A presente pesquisa se baseou na abordagem qualitativa que, de acordo com Hernández, Collado e Lucio (2013, p. 376), “o enfoque qualitativo, é selecionado quando buscamos compreender as perspectivas dos participantes, sobre os fenômenos que os rodeiam”. Por ser mais aberto, exige dos pesquisadores mais flexibilidade e compromisso com os dados encontrados. Neste sentido, os dados foram coletados na pesquisa de campo, por meio dos procedimentos da Observação participante, durante dois meses, em duas salas de aulas, no espaço escolar, e registros no diário de campo e 13 e entrevistas semiestruturadas, com as mães e pais das crianças e 13 com os professores de uma Escola Municipal de Boa Vista, a qual apresenta um acentuado número de crianças venezuelanas matriculadas. Todos os participantes da pesquisa assinaram os termos de Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) e Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), conforme as orientações do Comitê de Ética.

Seguiu-se a técnica de análise do discurso crítico, a qual consiste em captar o que está nas entrelinhas dos discursos realizados, de acordo com a temática da interculturalidade no espaço escolar. Ou seja, “a análise busca desvendar os mecanismos de dominação que se escondem sob a linguagem, com o intuito de constituir uma proposta crítica que problematiza as formas de reflexão anteriormente estabelecidas” (CAPELLI; MELO; GONÇALVES, 2003, p. 09). Neste intuito, destacou-se os elementos recorrentes na observação participante em sala de aula, nas entrevistas semiestruturadas com mães e pais das crianças e professores que cunhou-se em quatro categorias analíticas: a) “todos são brasileiros”; b) o idioma abre porta para inclusão; c) sensibilidade do diálogo intercultural; d) sugestões de políticas públicas. As mesmas foram analisadas com base na teoria referida anteriormente.

**RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO**

Como mencionado acima, cunhou-se quatro categorias analíticas: 1) “todos são brasileiros”; 2) O idioma abre porta para inclusão; 3) A sensibilidade do diálogo intercultural; 4) Sugestões de políticas públicas. A primeira, refere-se a uma mentalidade hegemônica da comunidade escolar em que estereotipam que as crianças venezuelanas matriculadas já “são brasileiras”, impedindo a necessidade de práticas de interculturalidade. Na segunda categoria, percebeu-se pela entrevistas com as mães e pais das crianças, que o idioma é uma porta para inclusão, porém, muitas vezes, apresenta-se como uma barreira para interculturalidade. Na terceira categoria, os resultados indicaram que existem algumas iniciativas interculturais entre crianças venezuelanas e brasileiras e alguns professores. No entanto, conforme aponta a quarta categoria, foram detectadas necessidades claras de políticas públicas que contemplem a interculturalidade crítica no cotidiano escolar, como o ensino bilíngue ou plurilíngue, reforço escolar para crianças migrantes, uma educação intercultural que contemple a troca de saberes culturais.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa centra-se sobre educação e migração do ponto de vista da inclusão de estudantes migrantes. A discussão se desenvolve por meio de um olhar decolonial para visualizar processos de interculturalidade na educação em contexto de fronteira. Os resultados arrojarão debates para pensarmos políticas públicas de inclusão de estudantes migrantes no Estado de Roraima e na Venezuela.

**REFERÊNCIAS**

CANDAU, Vera Maria Ferrão (Org.). **Multiculturalismo:** diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis: Vozes, 2008.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Concepção de educação intercultural**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2014.

CAPPELLE, Mônica Carvalho Alves; MELO, Marlene Catarina de Oliveira Lopes; GONÇALVES, Carlos Alberto. Análise de conteúdo e análise de discurso nas ciências sociais. **Organizações rurais & agroindustriais**, v. 5, n. 1, 2003.

DA SILVA NETO, João Paulino. **Saberes dos povos indígenas Maya e Yanomami**: desafios epistêmicos no processo de descolonização. Boa Vista: Editora da UFRR, 2020.

DUSSEL, Enrique. **1492** - **O encobrimento do outro:** a origem do mito da modernidade. Petrópolis: Vozes, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança.** São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 34ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

HERNÁNDEZ, S. Roberto; COLLADO, F. Carlos; LUCIO, Maria del Pilar Batista. **Metodologia de Pesquisa.** Trad.: Daisy Vaz de Moraes; Rev. Técnica: Ana Gracinda Queluz Garcia, Dirceu da Silva, Marcos Julio – 5ª ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

OBSERVATÓRIO DE BOA VISTA. Indicadores. Prefeitura de Boa Vista, Boa Vista, 2022. Disponível em: <https://observatorio.boavista.rr.gov.br/acessar-perfil>. Acesso em: 11 nov. 2022.

WALSH, Catherine. ***Interculturalidad, crítica y (de) colonialidad:*** *ensayos desde Abya Yala*. Editorial Abya-Yala, 2012.

WALSH, Catherine. ***Pedagogías decoloniales Tomo II****: Prácticas insurgentes de resistir, (re) existir y (re) vivir*. Editorial Abya-Yala, 2017.

1. Mestranda em Educação no PPGE/UFRR. Membro do Grupo de Pesquisa: Fronteiras e Alteridades-UFRR. E-mail: valdizacarvalho25@gmail.com. [↑](#footnote-ref-1)
2. Prof. Dr. João Paulino da Silva Neto, orientador da mestranda, professor e pesquisador do Centro de Educação da Universidade Federal de Roraima. Coordenador do Grupo de Pesquisa: Fronteiras e Alteridades. E-mail:joao.paulino@ufrr.br. [↑](#footnote-ref-2)